



**Conselho de
Escolas de
Trabalhadores**

**TRABALHO SOLIDÁRIO
E EDUCAÇÃO POLÍTICA**

Seminário – 2008

CAPINA

Cooperação e Apoio a Projetos de Inspiração Alternativa
Rua Evaristo da Veiga, 16 / grupo 1601
Centro, CEP: 2003-040
Rio de Janeiro – RJ
Tel: 21 2220-4580
www.capina.org.br
e-mail: capina@capina.org.br

CET

Conselho de Escolas de Trabalhadores
Seminário 2008
www.oficinapedagogica.com.br

CAPINA recebe apoio de

Christian Aid
Novib
EED

PROJETO GRÁFICO

Íone Nascimento

IMPRESSÃO

Gra-Vida – Gráfica e Editora

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	5
CRISE E MUNDO DO TRABALHO	7
I. Grupos e debates	7
II. Comentários do Valdemar	9
ECONOMIA SOLIDÁRIA EM DEBATE	14
I. Mundo do Trabalho e Economia Solidária	
Classe trabalhadora hoje	14
Economia Solidária e luta de classes	16
II. Economia Solidária: um movimento em construção	
A lógica da Economia Solidária	19
O que é que faz a diferença?	22
III. Algumas Questões	
Movimento e programa de governo	24
Agricultura Familiar e Economia Solidária	24
Trabalho e Renda	25
Trabalho Conjunto: auto-exploração ou auto-realização?	26
Economia Solidária e Cooperativa	28
Autogestão e Empreendedorismo	29
A importância de estar junto com outros movimentos	30
Economia Solidária e o CET	31
Elementos de Economia Solidária apontados pelos participantes	32
FORMAÇÃO POLÍTICA NAS ESCOLAS DE TRABALHADORES	33
I. Concepção e prática	33
II. Reflexões e Discussões	43
Concepções de Formação Política	44
Pedagogias na Formação Política	45
Conteúdos	45
Dificuldades e Desafios	45

Apresentação

O vigésimo Seminário do Conselho de Escolas de Trabalhadores realizou-se no sítio Pirilampo, em Jadinu (SP), nos dias 6 a 9 de novembro de 2008. Participaram 40 pessoas, entre monitores, professores e alunos que trouxeram as experiências e discussões de seus grupos de trabalho:

CTC – Centro de Trabalho e Cultura, de Recife (Pe);

Escola Emaús-Recife, de Recife (Pe);

AST – Ação Social Técnica, de Belo Horizonte (MG);

APAC – Associação de Produtores Autônomos da Cidade e do Campo, de São João de Meriti (RJ);

Oficina Pedagógica – CAPINA, do Rio de Janeiro (RJ);

CEEP – Centro de Educação, Estudos e Pesquisas, de São Paulo (SP);

CPA – Centro de Profissionalização de Adolescentes, de São Paulo (SP);

Escola Mesquita, de Porto Alegre (RS).

Após cada escola ter apresentado um informe sobre as atividades que vem realizando, seguiram-se as discussões e reflexões sobre os temas previamente definidos por todos:

Análise da Conjuntura no Mundo do Trabalho;

Economia Solidária;

Formação Política.

Por fim, discutiu-se a Plataforma para Educação de Cidadãos Trabalhadores, construída pelo CET em 1995. Foram levantados os pontos em que, ao ver de cada um, ela deve ser modificada, transformada e atualizada. Apontando assim para a construção de um

novo documento sobre a educação de trabalhadores cidadãos para o século XXI.

Na avaliação, todos consideraram que o Seminário do CET sempre tem servido como renovação das energias, possibilitando que todos regressem a suas escolas com mais gás e mais garra para enfrentar os novos desafios.

Apresentamos a seguir uma sistematização das discussões e reflexões feitas no seminário:

Crise e Mundo do Trabalho;

Economia Solidária em Debate;

Formação Política nas Escolas de Trabalhadores.

CRISE E MUNDO DO TRABALHO

I. Grupos e debates

O que mais chama atenção de início são as mudanças no mundo do trabalho. O mundo do trabalho mudou muito. Hoje não se tem mais aquele contingente de operários que trabalham juntos num lugar só. O que se tem são trabalhadores em vários lugares. Alguns com carteira assinada, outros sem carteira assinada. E há os que nem chegam a trabalhar.

Aos poucos, a partir dos anos 90, o neoliberalismo veio se expandindo com uma força muito grande. E fez com que acontecesse a precarização do trabalho, a perda dos direitos, o dismantelamento das grandes fábricas... Porque uma das forças dos trabalhadores era estar nas grandes fábricas: ali se dava um embate entre o patrão e um contingente enorme de trabalhadores. Esses trabalhadores organizados tinham as suas formas de enfrentar o patrão, de reivindicar melhores condições de trabalho, melhores condições de salário.

E o que fez o neoliberalismo? Veio com a desregulamentação dos direitos dos trabalhadores e destruiu essa organização. Precarizou as condições de trabalho e pulverizou o trabalho. A força de resistência da classe foi se perdendo, as suas lutas foram se enfraquecendo.

Os sindicatos, que vieram de uma luta muito forte nos anos 80 e 90, também se deixaram envolver. Não têm mais aquela força, aquele sentido de estar se renovando e entendendo o mundo do trabalho hoje.

A mídia tem nisso tudo um grande papel como grande mantenedora da ideologia do capital

No campo, o aumento da mecanização da produção agrícola faz com que, cada vez menos, o agronegócio precise de trabalhadores. O

agronegócio e seu desejo de lucros inviabilizam cada vez mais a Reforma Agrária.

Ao mesmo tempo, cresce o movimento dos agricultores familiares – aqueles que produzem 70% dos alimentos que estão na mesa dos brasileiros. E cresce também o movimento da agroecologia.

A agroecologia põe em discussão as questões do meio ambiente sustentável e da segurança alimentar. O que significa discutir a questão agrária a partir das necessidades do ser humano (e não do lucro do capital).

Isso implica na necessidade de maior união entre trabalhadores do campo e da cidade. Necessidade de maior integração e intercâmbio enquanto classe trabalhadora.

Existe hoje uma crise de identidade na classe trabalhadora. Ela não se identifica como classe e, portanto, não se organiza. A força de cooptação do neoliberalismo pesa muito sobre ela.

Agora na crise, por causa do desemprego, os trabalhadores vão encontrar mais dificuldade para se organizarem. A questão da politização enfrenta novos desafios: como se organizar quando não está todo mundo no mesmo barco?

E tudo isso levanta a questão de uma nova conceituação de trabalho, isto é, a necessidade de abrir mais a nossa concepção de trabalho: considerar não apenas aquele da classe trabalhadora dentro das fábricas, mas também o trabalho de casa, trabalho das mulheres, trabalho dos indígenas, trabalho da roça, trabalho informal...

Na educação, frente à conjuntura de desemprego, uma grande pergunta que se tem é quanto aos inúmeros cursos universitários e técnicos que estão sendo abertos: as pessoas estão se formando para quê?

Os trabalhadores também têm direito a uma formação continuada. Antes, o operário se formava torneiro mecânico ou controlador de qualidade e aquela era sua profissão meio que para o resto da vida. Hoje não é assim. Como estamos nos posicionando, enquanto escolas de trabalhadores, nesta questão de ter que estudar sempre?

Levantou-se bastante também a questão da resistência dos trabalhadores em relação a esse mundo que está aí, tão cruel. Esse mundo que despencou na nossa cabeça!

Sem dúvida, se constata a criminalização dos movimentos sociais, a ação e o poder das milícias contra os movimentos ou mesmo dentro deles, a disputa dos adolescentes e jovens pelo tráfico, etc.

Aumenta a violência e o número de mortos na cidade e no campo.

Mas, embora com contradições, inclusive internas, existem diversos movimentos de resistência contra o capital: sindicais, Grito dos Excluídos, MST, diversas formas de resistência dos trabalhadores à precarização. Tem o crescimento do movimento da Economia Solidária. E tem a importância de levar tudo isso com esperança.

O que significa a ruptura dessa crise? Que mudanças se quer? Mudar o modelo neoliberal através de uma intervenção do Estado no sistema financeiro e de crédito, porém mantendo o poder do capital sobre as decisões econômicas? Ou uma mudança mais profunda? .

Esse tempo pede de nós a maior capacidade de raciocinar, de conseguir ter argumentação e fundamentação na comunicação com a dona de casa, com o trabalhador da agricultura familiar, com o pessoal desempregado, com os operários contratados...

II. Comentários do Valdemar

O quadro é complicado. Neste sistema que estamos vivendo, a classe trabalhadora vem sendo penalizada progressivamente pela exploração e pela dominação ideológica. Não apenas os adultos. Segundo dados do IPEA – Instituto de Pesquisas Aplicadas, que é um órgão do governo, dois milhões e meio de crianças são vítimas de trabalho infantil!

Na verdade, estamos numa situação delicada. De um lado, temos o enfraquecimento da classe trabalhadora por conta do avanço do capitalismo sob vários aspectos: renovação tecnológica, reorganização do

sistema de trabalho, reestruturação e flexibilização do trabalho - o que leva a eliminar postos e diminuir a força da classe, dificultando a sua luta.

Mas, por outro lado, tem a tendência que já vem de muitos anos, de cooptação das lideranças do movimento sindical. Se a CUT nasce de baixo e se torna uma alternativa de luta dos trabalhadores, principalmente nos anos 80, hoje o governo investe no sentido de favorecer o capital e criar outras centrais sindicais que vão dividir e tentar cooptar a própria CUT. Porque foi isso que aconteceu e está acontecendo, infelizmente para nós que somos os fundadores da CUT.

Outra questão é a da dominação ideológica: o sistema do capital usa todos os meios para impor suas idéias. Não só, mas principalmente através da mídia: tv, rádio, jornais, revistas, cinema, etc. Tudo trabalha no sentido de mostrar a importância do livre mercado, do capital, da propriedade privada, etc. Procura-se dizer, por todos os meios, como é que o trabalhador tem que estar a serviço disto.

A política do capital é diminuir o custo da produção, o custo da mercadoria propriamente dita. Daí as medidas de redução da mão de obra. Mas só isso não bastou. Hoje, o que vem ocorrendo no mundo inteiro é um esforço enorme do capital no sentido de promover reformas que eliminem **direitos**. No Brasil, isso se dá ao preço de rebaixar o padrão de vida. Embora na Europa e nos Estados Unidos se mantenha um padrão de salário mínimo que em geral está em torno de mil dólares ou de mil euros no caso da Europa, aqui no Brasil o salário mínimo vem se mantendo abaixo desse patamar. Pelo menos 70% dos trabalhadores ganham entre um e dois salários mínimos.

Além disso, principalmente em países emergentes - do terceiro mundo em geral - está havendo um processo de enorme rotatividade da mão de obra. Para se ter uma idéia, no ano de 2005, os jornais publicaram que as medidas tomadas pelo governo geraram, naquele ano, 1 milhão e 100 mil empregos. Só que neste mesmo ano a rotatividade atingiu 4 milhões de trabalhadores. Ou seja, 4 milhões de pessoas perderam o emprego e tiveram que correr atrás. Com redução em média de 40% do seu salário.

Tudo isso tem origem num processo que começou há mais tempo, quando os governos eleitos passaram a aplicar as normas do Consenso de Washington. Em 1989, na cidade de Washington, os governos tomaram a deliberação de transformar o Estado num estado mínimo. Ou seja, tudo aquilo que o estado construiu durante dezenas e dezenas de anos, com o dinheiro do povo, agora que estava dando lucro tinha que passar para as mãos do capital.

Nessa linha, aqui no Brasil, os governos de Collor e sobretudo de FHC botaram em prática a política de “doar” ao capital privado as grandes empresas estatais – aquelas que eram mais estratégicas: energia, telefonia, extração. Tentaram privatizar também o petróleo, conseguiram em parte, mas não totalmente. Num livreto em dois fascículos chamado *O Brasil Privatizado*, Aloísio Biondi detalha o que foi essa entrega do capital nacional para as mãos das multinacionais. Doação vergonhosa. Um dos exemplos mais claros foi o da Vale do Rio Doce; porém aconteceu a mesma coisa com todas elas, todas.

A partir daí aumentaram as exigências e pressões pela eliminação de direitos já reconhecidos legalmente. O neoliberalismo não dá tréguas. Entre nós, foi implantado pelos governos socialdemocratas de FHC mas, para nossa infelicidade, o Partido dos Trabalhadores entrou na mesma onda. Mesmo que nós tenhamos entre nós discordâncias sobre a avaliação do Governo Lula, o que ele está fazendo com as reformas é realmente construir uma nova estrutura jurídica, um arcabouço jurídico que elimina aquilo que foi conquistado na Constituinte de 88 e coloca o Brasil sob a dependência do capital multinacional.

No ano de 2003, primeiro ano do governo Lula, foi criado o movimento chamado Coordenação dos Movimentos Sociais. Nessa Coordenação, discutindo alternativas à linha que o governo Lula já tinha determinado, o conjunto do Movimento propunha que se desse prioridade ao investimento no desenvolvimento nacional: Reforma Agrária; construção de moradias populares pelo sistema de mutirão; reforma profunda no sistema de saúde; uma reforma profunda no sistema de educação. Enfim, um programa nada revolucionário, mas

seria um tremendo avanço; gerando fontes de trabalho que não dependessem do capital multinacional.

O governo recusou essa proposta e decidiu que seria voltado para outra linha. O presidente Lula, perguntado sobre a importância de um superávit primário tão elevado e de juros sempre subindo, disse: nós precisamos nos tornar confiáveis lá fora para que o capital invista aqui dentro e gere postos de trabalho, gere emprego.

Hoje, para mim, a questão central de toda essa crise é que, cada vez mais, ela vai revelando que o sistema burguês é incapaz de dar um salário suficiente para garantir a qualidade de vida do conjunto do povo.

Esse modelo, essa forma de organização e de produção se diz capaz de levar toda a população a ter um padrão de vida elevado, a viver no Éden. Mas enquanto faz esse grande discurso, de fato, vai aumentando a exploração. Coisa que nós conhecemos bem ao estudar a história desses últimos 250 anos. Este modelo está provando o contrário de seu discurso. Está provando que é incapaz de incorporar toda a população. Pelo contrário, sua capacidade é a de gerar exclusão progressiva. A ponto de que 2/3 da humanidade, hoje, vive abaixo da linha da pobreza – segundo os dados da ONU, que não é socialista nem comunista. Aquilo que o sistema garantiu que ia conseguir, está demonstrando que é historicamente incapaz de realizar.

Essa crise indica que o sistema está se esgotando historicamente. Mas esse esgotamento pode significar o fim do capitalismo? Tem mil e uma discussões sobre isso. Eu digo o seguinte: para mim, muitos dos grandes capitalistas que estão aí hoje vão ser jogados fora. Só que outros vão ocupar, ou já estão ocupando o espaço.

Então, ou o movimento social se recicla e avança na linha de criar uma proposta alternativa ao longo dos anos, ou o capitalismo se recicla e cria uma nova forma de exploração. Ele está em crise mas pode muito bem se reconstruir em cima da cinza, como aquela ave, a fênix, que se reconstrói das próprias cinzas.

Por isso é importante o Movimento Social se preparar, se organizar no sentido de aumentar a resistência e aproveitar a crise para

dar o salto de qualidade na tomada de consciência. Assim como o capital gera exploração, gera também movimento de reação a isso. Nós temos que contribuir para que esse movimento cresça.

ECONOMIA SOLIDÁRIA EM DEBATE

I. Mundo do Trabalho e Economia Solidária

Classe trabalhadora hoje

A realidade do capitalismo, no mundo de hoje, se mostra muito diferente do que foi na maior parte do século passado. Mesmo considerando apenas o critério do trabalho, vamos encontrar estudiosos do capitalismo atual que vêem pelo menos três tipos de classe trabalhadora, todas elas trabalhando para a acumulação do capital: o antigo proletariado, um novo "cognitariado" e um imenso "precariado".

O proletariado, é claro, são os trabalhadores assalariados de tipo industrial que eram predominantes no século passado. Já, cognitariado, seriam os trabalhadores que operam com uma matéria que poderíamos chamar de "imaterial", ou seja, o conhecimento, que hoje seria a principal "matéria prima" para o capital. E, terceiro, o precariado, isto é, a grande parcela da população trabalhadora que trabalha em condições as mais precárias: desde os que trabalham para empresas, mas sem contrato nem qualquer garantia e em condições até mesmo de escravidão, a todos os trabalhos feitos em casa, fora de casa, na rua, etc. Quanta gente não tem seu escritório, seu ofício, seu ateliê no meio da rua, no meio da praça, em tudo quanto é lugar? Toda cidade hoje não é assim? Quando isso começou, lá pela década de 80, a gente pensava que seria alguma coisa esporádica, mas hoje está disseminado.

Falta perceber melhor como esse povo todo - proletariado, cognitariado, precariado - se vê incorporado ou se reconhece como fazendo parte de uma mesma **classe trabalhadora**. Como essa diversidade pode construir uma **experiência de classe**.

Ora, uma experiência de classe trabalhadora só pode se construir sobre o trabalho e sobre uma luta comum. O trabalho é que unifica a

classe trabalhadora em seu fazer. Só que, em geral, se costuma ver como trabalho apenas aquele vendido ao capital. Muitas vezes, não enxergamos que o trabalho seja algo muito maior que o capital. Assim como o mercado também é maior que o capital. O capital monopoliza, ou quer monopolizar, o mercado. Assim como quer monopolizar o trabalho. E, de fato, o capital subordina os mais diversos trabalhos a si. Mas ele não tem o condão de submeter a si todo o trabalhador, toda a vida do trabalhador, e nem o mercado em sua totalidade.

Esse questionamento ao monopólio do capital sobre o trabalhador começa com a luta das mulheres. A luta pelo reconhecimento de que o seu trabalho dentro de casa é um trabalho social, não é apenas um trabalho doméstico, escondido, não social. Nesse ponto a visão de Marx foi deficiente, temos que reconhecer. O trabalho de casa, aquele que não aparece, não pode ser visto só como reprodução biológica não; é social, é um trabalho social sim, altamente produtivo. O trabalho da mulher, do homem, das crianças, de quem for, é um trabalho de formação, de reposição da vida, de reconstrução da vida, a cada dia. Hoje o capital sabe disso e usa isso, generalizadamente.

Atualmente, podemos dizer que a grande fábrica do capital não é mais apenas o chão da fábrica. Não. É a cidade inteira. O capital botou a cidade inteira para trabalhar para ele: como proletariado, cognitarizado ou precariado, mas inseridos todos, cada um nos mais diversos grupos sociais que também são explorados pelo capital como fazendo parte desses grupos: mulheres, negros, indígenas, juventudes, crianças, periferias, favelas, sem teto, sem terra, gays, lésbicas, etc.

Então, de fato, está faltando entender melhor o que é o trabalho hoje, o que é a sociedade hoje e o que é o trabalhador nessa sociedade. Se for para entender o trabalhador da forma restrita como costumávamos fazer, vamos incluir meia dúzia e deixar fora outros 500.

E se não percebemos essa grande dimensão do trabalho, não temos como recompor uma identidade de classe. Ficamos sem possibilidade de construir uma luta de classe na dimensão e complexidade em que ela se põe hoje.

É nesse contexto que a Economia Solidária vem se construindo; ela surge como uma possibilidade de resgate concreto do **trabalho** em toda a sua ampla dimensão. Isto é, um trabalho que não seja aquele da reprodução do capital, mas sim aquele capaz de produzir um outro tipo de relação: a que reproduz a vida de modo ampliado e com base numa relação de **solidariedade** nos vários aspectos do que podemos denominar como trabalho.

Hoje a Economia Solidária é muito mais como que uma grande experimentação. Podemos perceber que o que existe é como se fosse um verdadeiro laboratório de experimentação: do ponto de vista de diversos modos de produzir, em grupos familiares ou de produção associada, em fábricas ocupadas, do ponto de vista de novos modos de crédito solidário ou de criação de moeda social, do ponto de vista da comercialização solidária, de cadeias e redes de produção, das formas cooperativas de organização do trabalho, enfim, do ponto de vista dos vários aspectos da ação econômica.

A grande referência da Economia Solidária é a reprodução da vida, com dignidade e com qualidade. É o que buscamos alcançar. E para isso, em nenhum momento ela pode ser vista como uma unidade de produção de capital porque, senão, estaremos confundindo produção do capital com produção da vida. Esse seria um erro fatal.

Assim, é olhando para as condições concretas de reprodução da vida que podemos situar a Economia Solidária no contexto atual das lutas sociais.

Economia Solidária e luta de classes

Uma pergunta que se coloca hoje é se a classe de trabalhadoras e trabalhadores não seria capaz de trazer uma alternativa concreta de saída da crise atual do capitalismo.

A reflexão que fizemos indica que até já existe alguma experiência no sentido de saída do modelo do capitalismo praticado hoje: na Bolívia, Equador, etc. O problema é que muitas vezes se considera a classe trabalhadora de um ponto de vista muito restrito.

Olhando o que vem acontecendo na Bolívia e no Equador, por exemplo, podemos perceber bem o resultado da crise do neoliberalismo que se esgotou primeiro nestes países. Estamos vendo o surgimento, ou o pleno vigor de um grande movimento indígena. O Equador, na América do Sul, é o país com o maior índice de população indígena. E fizeram um movimento fortíssimo. Assim como também na Bolívia. (A própria Bolívia, aliás, junto com o Chile, foram os primeiros laboratórios de experimentação do neoliberalismo que, depois, se expandiu pelo mundo.)

O que se quer dizer com isso? Que há uma diversidade grande de grupos sociais que têm contradições profundas com o sistema neoliberal, não apenas pelo fato de serem trabalhadores.

Muita gente acha que a Economia Solidária poderia ser já uma alternativa imediata ao capitalismo. Mas isso seria uma ilusão muito grande. Seria um grande engano não enxergá-la na fragilidade com que ela ainda se põe.

Inclusive, há um risco grande, para quaisquer dessas iniciativas de Economia Solidária, delas se desviarem de sua proposta inicial. Um bom exemplo são as primeiras cooperativas criadas na Europa e que tinham uma certa visão de ruptura com o modelo capitalista da época. Mas o que aconteceu? Acabaram sendo integradas por esse mesmo sistema e passaram a fortalecer o capitalismo em sua forma de social democracia cooptada.

Outro exemplo é o que aconteceu na França, em meados do século XX: em algumas fábricas quase falidas, houve experiências em que os operários ocuparam a empresa e passaram a ser, eles mesmos, os cogestores ou autogestores ou, até mesmo, proprietários da empresa. Trabalharam muito na linha de que os seus produtos fossem alguma coisa útil para o povo, com preços baratos, etc. Mas entraram na lógica do capital e se distanciaram da luta geral da classe trabalhadora. Ficaram dedicados somente ao crescimento da sua empresa.

É preciso ter muita atenção porque o sistema está sempre atento para tentar transformar qualquer iniciativa dessa natureza num

instrumento de legitimação da sua lógica de competição e de lucros a qualquer preço, desviando-a do seu rumo de solidariedade e cooperação.

Além disso, nenhuma dessas experiências de Economia Solidária pode abstrair de que, ao lado dela, tem uma luta geral maior da qual ela faz parte. Ela é um embrião importante para um projeto de mudança, mas se ficar só em torno de si mesma não contribui em nada para fortalecer uma mobilização maior da classe trabalhadora.

Exatamente nesse sentido é que é importante tentar localizar o que é hoje a classe trabalhadora em sua grande diversidade. E entender de que forma o trabalho e a luta podem unificar os trabalhadores, no atual momento da luta de classes, em toda a sua dimensão de construção do bem comum.

Um outro aspecto importante dessa luta é a própria disputa pela significação desse termo, solidariedade. O conteúdo desse termo, Solidariedade, havia sido desvirtuado pela ideologia neoliberal, a partir dos anos 90. Isso se iniciou entre nós sobretudo com o programa "Comunidade Solidária", da Dna. Ruth Cardoso, no Governo FHC. Até ali, a solidariedade era exercida na luta, no apoio e no companheirismo entre iguais, a solidariedade de classe, todos juntos, iguais, em luta pelo direito a condições de vida dignas para todos. Aí, com o neoliberalismo, eles conseguiram, momentaneamente, transformar a solidariedade numa coisa que vem de cima para baixo: a "solidariedade" dos empresários e dos bem aquinhoados para com os destituídos, os desempregados... Solidariedade virou uma espécie de "caridade", condescendência, fazer doação para os empobrecidos, para a acomodação social, para a compensação social. Esse é um dado importante.

Assim, o surgimento desse movimento de Economia Solidária, em fins dos anos 90 e princípio do século XXI, veio resgatar aquele sentido da solidariedade como igualdade, como a relação fraterna que a solidariedade representava: uma retomada da solidariedade entre os trabalhadores.

II. Economia Solidária: um movimento em construção

A lógica da Economia Solidária

Muitas vezes, a Economia Solidária é vista como um conjunto de experiências que se contrapõem ao Capital com toda a força. E se imagina que, para isso, ela tem que ter uma pureza muito grande. Acontece que é muito difícil chegar a tanto. Na verdade, nós estamos dentro de um cerco, de uma cultura capitalista. As coisas são mais complicadas do que se supõe, são muito complexas

De fato, como estamos imersos na sociedade capitalista, por isso mesmo, a Economia Solidária não tem como se livrar do cerco do capital. E nem deve se livrar. Mas, da lógica do capital, ela tem que buscar fugir sim. Tem que fugir da lógica de exploração e dominação do sistema capitalista. O sistema capitalista está organizado para acumular lucro, acumular lucro, acumular lucro. Por conta disso, destrói a vida, destrói o meio ambiente, destrói a natureza, para ter produtos mais baratos, mais baratos, mais baratos...

A nossa lógica não pode ser essa. Porque se a gente for por esse caminho, para conseguir produtos mais baratos, mais baratos, mais baratos, vai ter que envenenar o alimento, vai ter que envenenar o solo, destruir o meio ambiente, destruir a vida para ter produto competitivo, vender mais e ganhar mais dinheiro, rapidamente, etc.

A lógica da Economia Solidária tem que ser a da reprodução da vida. A preservação do meio ambiente e a sustentação da vida.

Um novo paradigma para a Economia Solidária ainda tem que ser construído. Um paradigma baseado, não no individualismo nem na competição, mas na cooperação, na autogestão, no planejar a produção em conjunto. Produzir sem lucro, sem mais valia, sem hierarquia. Seriam esses alguns princípios.

Mas como a Economia Solidária tem que se relacionar com o sistema capitalista, porque ela não está fora dele, não podemos esquecer que nós também estamos sempre correndo o risco de agir como opressores. Nós também temos que nos avaliar sempre.

É processual. Não tem fórmula. O caminho se faz caminhando. Mas, com esses princípios, já se tem um começo.

Por isso nunca é demais lembrar que a Economia Solidária é um processo. E a pergunta de fundo é aquela: quais são os elementos que diferenciam e fortalecem esse processo? O que é que “faz a diferença”?

A gente tem que ter muita atenção porque essa é uma construção social, é uma luta social em curso: o que a gente consegue por enquanto é distinguir **elementos de economia solidária** que estão presentes nas várias iniciativas. Assim como tem também elementos do capitalismo que estão presentes em várias dessas mesmas iniciativas. São coisas que vão se contrapondo. Não dá para você dizer: ah, esse aqui é o puro da Economia Solidária. Nenhuma construção social é pura desse jeito. A gente é “híbrido”.

Para que possamos estabelecer um diferencial, no campo da Economia Solidária, um elemento importante é a **intencionalidade**: o que queremos? Onde queremos chegar?

A Economia Solidária é intencional, não é espontânea, é pensada, dirigida. Ela é uma ação organizada e consciente dos militantes para a construção desse movimento.¹ E essa ação não surge espontaneamente. Como toda resistência ao sistema capitalista, ela não surge espontaneamente. Por isso é preciso exercitar sempre uma crítica forte ao que está aí, e desenvolver um movimento muito amplo, mais amplo do que se conseguiu construir até agora.

¹ Quem sabe, caberia aqui diferenciar Economia Popular de Economia Solidária, como fez Marcos Arruda no grupo E-Solidária: “Gostaria de sugerir um critério para identificar a diferença entre economia popular e economia solidária. A economia popular inclui toda atividade da população, iniciada e conduzida de forma espontânea, visando a garantia da sobrevivência própria e da família, com esperança de alcançar a reprodução ampliada da vida, ou uma vida de sempre melhor qualidade. A economia solidária envolve formas organizadas de empreendimentos, cadeias e redes, formas auto- e cogestionárias de organização, e formas solidárias de formação de preços, comercialização e consumo. Por trás está a solidariedade consciente, isto é, a consciência de estarmos solidamente interligados entre nós e com a Natureza, e a escolha consciente de nos relacionarmos de forma cooperativa e solidária. Portanto, um dos objetivos estratégicos da Economia Solidária é ir atraindo e incorporando pessoas e empreendimentos da economia popular em suas redes e cadeias produtivas, e em seus mercados, ajudando-os a elevar seu nível de consciência e de organização.”

Como já foi dito, é uma construção, um grande laboratório em experimentação, onde todos esses elementos vão surgindo, vão aparecendo, vão se consolidando numa diversidade muito grande. É toda uma construção de vida que está se fazendo. Desde produzir em conjunto, construir cadeias produtivas, estabelecer redes de consumo, levar em conta a questão da ecologia. Temos também que expandir a escala dos produtos da economia solidária; temos que avançar e ir dominando criticamente as tecnologias contemporâneas.

Também dentro da vida familiar, tem os elementos de solidariedade, de construção das "regras da casa" que são bem diferentes das regras do capital.

Quer dizer, é uma concepção muito mais ampla, e não se pode dizer que já está construída. Não se pode dizer que é uma coisa já pronta, feita e acabada. Não; não é isso não. Mas é todo mundo participando de alguma maneira nessa construção.

E evitando as confusões e as armadilhas que estão postas aí. Porque o capital está sempre pronto e sempre prestes a pegar qualquer novidade. Porque ele é doído por uma inovação.

Aliás, há um grande investimento do capital, hoje, em termos de conhecimento, na inovação, na novidade; para tirar lucro disso. Mais: o lucro do lucro, seja a inovação qual for. Pegando as décadas de 80, 90, podemos ver como o neoliberalismo conseguiu vencer a esquerda botando várias armadilhas. Na verdade, pegaram várias propostas do grande movimento operário de fins dos anos 60 e 70 e, fingindo adotá-las, as distorceram a seu favor. É grande a capacidade que eles têm de engolir as nossas propostas e devolver uma outra coisa, com aparência de avanço. É imensa.

Isso significa um desafio muito grande à nossa capacidade de crítica, à nossa criatividade e à nossa capacidade de construir defesas e criar anticorpos contra a lógica inimiga. Ela está presente em tudo.

O grande desafio é de como construir a solidariedade no concreto do dia a dia. Se o mundo fosse capitalista até o fundo, de fato, ninguém mais existiria. Já tínhamos morrido todos, nas guerras ou na violência

de todo tipo que o capitalismo provoca. No entanto, as guerras estão se dando, elas sempre se dão, mas a solidariedade ainda é mais forte do que elas. Senão, ninguém estaria vivo. Então, a solidariedade é forte. Agora, transformá-la em cultura objetiva da humanidade, esse é o grande desafio.

O que é que faz a diferença?

Quais são os elementos que diferenciam a Economia Solidária das experiências que simplesmente reforçam o sistema capitalista? Isto é, quais são as referências da Economia Solidária? Tem muita gente que se junta porque quer trabalhar para ganhar dinheiro. E quando começa a ganhar dinheiro, passa a ganhar mais, ganhar mais, ganhar mais, ganhar mais... E, mesmo assim, continua com o nome de Economia Solidária. Abandona a sua comunidade, abandona o seu povo... e continua com o nome de Economia Solidária.

O Sebrae também fala em Economia Solidária, mas de fato, até aqui, trata o trabalhador como microempresário. Muita gente que passa pelos cursos do SEBRAE sai de lá dizendo: "Cara, eu não sou trabalhador não; eu sou um microempresário!".

Economia Solidária é só o fato de se juntar e trabalhar junto, ganhar dinheiro junto e repartir? Isso é Economia Solidária? Ou tem algo mais do que isso?

Ou, senão, ficar só na solidariedade como critério, também não dá: fica muito tênue. É importante definir quais são os elementos de Economia solidária: aqueles que marcam um divisor: assim é e assim não é. Pode até ser que um grupo de Economia Solidária tenha presentes alguns elementos e que lhe falem alguns outros. O que não o inviabiliza como grupo de Eco Sol. Mas seria importante poder contar com um certo número de elementos de economia solidária de que a gente pudesse lançar mão para se avaliar e se perguntar para a gente mesmo, para se confrontar em nosso trabalho.

A Economia Solidária é um movimento em construção. É mais do que só um grupo produtor que se determina a criar um trabalho em

conjunto. Passa também pela criação de um movimento. Os empreendimentos, os trabalhos que se vão juntando fazem parte desse movimento.

Esse movimento vai além da produção; passa também por novas idéias, por uma ideologia, por um conjunto de valores. Passa pela criação coletiva de saberes, passa pela defesa do meio ambiente como defesa da vida, de todas as formas de vida – não envenenar a água, não envenenar o solo, não envenenar a comida. O consumo tem que ser um consumo para a vida: alimentos saudáveis para as crianças - a merenda escolar, por exemplo, não pode ser de alimento com agrotóxico, tem que ser com conteúdo e qualidade de alimento, e não de isopor, etc.

É um movimento que não surge espontaneamente; é preciso ter toda uma intencionalidade. A sua construção surge de uma ação organizada e consciente de trabalhadores.

O movimento de Economia Solidária é construído dentro do sistema capitalista. Disso as experiências não se livram nem podem se livrar. E não devem se livrar. O que a gente tem é que ter consciência do que está fazendo. Do que está propondo e do que está experimentando.

Uma coisa que devemos ter muita consciência é que a Economia Solidária não pode ser só um meio de sobrevivência. E isso tem acontecido bastante: muitas vezes, ela não passa de ser apenas um meio de sobrevivência, sobretudo para os grupos de trabalhadores que não têm outra opção. E aí, quando aparece um emprego qualquer, que possibilita o cara ter um dinheirinho a mais do que o que ele consegue na experiência de Economia Solidária ou de geração de renda, ele cai fora.

Quando se tem um movimento – como o MST – que traz em si mesmo uma relação de solidariedade já mais amadurecida, isso aumenta as possibilidades de multiplicação das experiências e de expansão do próprio movimento. Há uma esperança que o próprio movimento traz e que já vem com essa lógica da solidariedade.

Por isso a Economia Solidária não é um movimento somente de sobrevivência. É um movimento que traz dentro dele a multiplicação das

experiências, a criação coletiva de saberes, a defesa do meio ambiente como defesa da vida, de todas as formas de vida – não envenenar a água, não envenenar o solo, não envenenar a comida, não envenenar ...

III. Algumas Questões

Movimento e programa de governo

Muitas vezes a gente se atrapalha um pouco e acha que a Economia Solidária é um programa da SENAES – Secretaria Nacional de Economia Solidária. Ora, a SENAES foi criada no princípio do governo Lula, por reivindicação do próprio movimento de Economia Solidária que é anterior a este governo; já vem desde o final do século passado. Foi o movimento que pressionou o governo eleito para constituir uma Secretaria. O que se queria, inclusive é que essa secretaria estivesse vinculada à Presidência da República, mas acabou sendo vinculada ao Ministério do Trabalho.

Desde então, se criou uma certa confusão entre o movimento de Economia Solidária e a Economia Solidária como um programa governamental. E muita gente passou a ver a Economia Solidária como se fosse apenas um programa deste governo.

Hoje, com tanta discussão e debate sobre Economia Solidária, as coisas vão ficando mais claras, mas ainda assim permanece uma confusão entre movimento e programa de governo. A gente sabe que, por sua própria formação, o Estado aparece no imaginário social nosso como um elemento muito forte, muito pesado, quase onipresente. E quando se cria, dentro dele, uma Secretaria de Economia Solidária, o risco é ele passar a encampar o movimento. Mesmo que não seja esta a sua proposta.

Agricultura Familiar e Economia Solidária

Temos que considerar que, muitas vezes, as pessoas se esquecem de ver o setor da Agricultura Familiar como fazendo parte da Economia Solidária quando, de fato, a Agricultura Familiar foi inclusive o primeiro setor que se organizou, iniciando o caminho de

construção da Economia Solidária, sendo hoje um dos setores mais fortes desse movimento.

No entanto, nem sempre se faz a relação da Economia Solidária com a Agricultura Familiar. Certamente porque se costuma olhar as coisas com a mesma lógica governamental. E, dentro do Estado, o que é que nós temos? Uma Secretaria Nacional de Economia Solidária, a SENAES, que se localiza no Ministério do Trabalho e que cuida da Economia Solidária; e o setor da Agricultura Familiar que é assunto do Ministério do Desenvolvimento Agrário, o MDA. Então, parece que uma fica separada da outra. É como se uma coisa não tivesse nada a ver com a outra. Ainda mais: é como se a Economia Solidária fosse somente urbana e a Agricultura Familiar fosse rural.

Na verdade, a Agricultura Familiar é um dos esteios da Economia Solidária e exerce um papel fundamental dentro desta. É ela, a Agricultura Familiar, que garante a alimentação da população brasileira. E como faz parte da Economia Solidária, podemos dizer tranquilamente que é a Economia Solidária, através de seu setor de Agricultura Familiar, que garante a alimentação do povo brasileiro.

Por isso não há porque não se fazer a conjugação entre uma e outra, e valorizar o movimento que vêm gerando.

Trabalho e renda

Muitas vezes a Economia Solidária é vista como uma geração de “trabalho e renda”. Mas existe uma diferença entre uma coisa e outra. Economia Solidária em geral é uma relação de trabalho através da qual as pessoas obtêm sua própria sustentação, mas não é só isso. É também uma relação de trabalho em que as pessoas definem juntas a sua produção: o que produzem, para quem produzem, como produzem, como distribuem os resultados do trabalho, como se organizam ... Essas são características da Economia Solidária.

Já a geração de “trabalho e renda”, em geral, é a criação de uma forma qualquer de se gerar algum recurso. Quando não, é um resultado direto daquela “solidariedade” neoliberal de empresários para com a

classe trabalhadora. Por isso é que, freqüentemente, resulta na criação de cooperativas que muitas vezes estão relacionadas com a precarização do trabalho.

A exemplo de uma cooperativa que foi criada pelo sindicato e uma empresa de uma categoria de trabalhadores que, em lei, havia já conquistado o direito a uma jornada de 6 horas. No entanto, a partir do momento em que o grupo se constituiu em cooperativa, passou a trabalhar muito mais do que 6 horas por dia. Porque agora, como cooperativados, nem na categoria eles estão mais...

Então, é preciso tomar cuidado para não estar reforçando a precarização do trabalho, a terceirização, a quarterização, a socialização da miséria. Sabemos que a necessidade de ter uma renda é urgente, mas temos que nos precaver para não deixar o capitalismo cair em cima de tudo o que fazemos.

Alguns núcleos de geração de trabalho e renda podem até nascer de um grupo de micro empresários que, depois, se abrem para a Economia Solidária. Isso acontece: uma experiência pode ser geradora de outra. Talvez por isso muitas vezes se fala em Economia Solidária como sinônimo de núcleos de "trabalho e renda". Mas alguma diferença entre eles existe e precisa ser mais esclarecida. Como estabelecer melhor o limite entre o que é um e o que é o outro?

Trabalho conjunto: auto exploração ou auto realização?

Para falar de um exemplo concreto: o caso de nossa oficina de eletrônicos: em certas épocas do ano, ao menos três dias por semana temos que trabalhar de manhã, de tarde e de noite. Às vezes, a gente sai da oficina às 22:30 h! Mas quando você comenta isso em algumas conversas, o pessoal reage como se você estivesse falando de uma relação entre o trabalho e o capital; isto é, como se a gente estivesse de alguma forma sendo explorado. Em parte, talvez, por não entenderem o prazer e a satisfação que aquele trabalho dá.

De fato, o pessoal acha um absurdo, porque uma das grandes lutas dos trabalhadores foi pelas 8 horas de trabalho por dia. Mas aí

you perguntar: será que Picasso, quando estava pintando, ou Chico Buarque, quando está compondo, será que eles programam o horário? – “ah! estou pegando agora às 8 horas da manhã, paro de 12hs. para o almoço, retorno e largo de 18hs.”? Claro que não. Um compositor, um diretor de cinema, ele não vai ter hora nenhuma de parar. Tinha um desses aí que até ficava sem comer!

Então é mais ou menos isso; acho que dá para comparar. É o prazer do trabalho. É muito rico você viver uma experiência onde tudo se discute, tudo se aprende e se re-aprende juntos. Na hora de discutir o preço de um equipamento, não existe só um cara que dá a idéia. Todo mundo participa. Cada item do trabalho é discutido: qual é o valor disso? E cada um dá sua opinião. Como se fosse uma espécie de leilão.

Tudo isso é um aprendizado. É uma riqueza. Na condução do trabalho, não existe nada em que alguém fique fora. Nem o cara que está lá há pouco tempo. Ele vem para a discussão, para participar, dar sua opinião, se aproximar desse conhecimento que é necessário para a construção do conjunto, se preparar cada vez mais.

Também com relação ao conhecimento técnico da eletrônica, a forma como ele é trabalhado é uma riqueza. Quem sabe mais, quem tem mais conhecimento, não fica com isso só para si. Discute, chega junto, participa de tudo com os outros. É um negócio que enriquece e que dá prazer. A cada vez você se sente aprendendo. Não existe assim um tempo determinado para cada coisa.

É um jeito completamente diferente da gente se sentir no trabalho. Não existe nada que eu não possa assumir: sair para resolver algum assunto fora, ir participar de um debate, ou atender a minha família, atender um amigo, um irmão que está na minha casa. Aquilo que eu estou fazendo fora, também me realiza, me enriquece, é conhecimento. E a riqueza que cada um compartilha está sendo crescimento e valorização para todo mundo.

Economia Solidária e Cooperativa

Muitas vezes, a cooperativa é vista como se fosse a típica forma jurídica para a Economia Solidária. Mas não devemos olhar só para as cooperativas. Existem outras experiências de Economia Solidária que não se organizam como cooperativa: como o Banco Palmas, as associações da Agricultura Familiar, associações de artesãos, etc.

Uma coisa que precisa ficar mais clara é a questão da confusão entre cooperativa e economia solidária. No Recife, chegamos à seguinte conclusão: cooperativa é uma forma de se organizar o trabalho que serve em qualquer sistema. A tirar pela cooperativa que existe hoje e que já existia antes, não vemos que ela cria maior confronto de classe coisa nenhuma. É uma forma só. E tanto pode existir uma cooperativa funcionando nos moldes do capitalismo como pode existir uma empresa registrada igual às outras capitalistas, mas que seja de Economia Solidária. Então, ser cooperativa não é critério para definir se é ou não é de Economia Solidária. A UNIMED é uma cooperativa e, só por isso, é Economia Solidária? Não. É uma das formas de se organizar.

Muitas vezes, quando alguém pergunta como se faz Economia Solidária, logo se cita a cooperativa como resposta... Só que não é a mesma coisa. Pode até ser que num passado foi e depois deixou de ser um critério. E que agora tenha até voltado a ser uma das formas usadas, mas não é critério. É isso que tem que ficar bem claro.

Inclusive quando temos um grupo que quer se formar e que o pessoal, ainda no início do grupo, está muito preocupado com a formalização, nós dizemos que a nossa experiência e a de muitos outros grupos indicam que o melhor é não ocorrer formalização nenhuma. Na verdade, você consegue trabalhar para quem você quiser, até para uma multinacional – para o poder público complica um pouco, mas dá –, sem nenhuma formalização, sem nada; sem nome nem coisa nenhuma. Basta ir na Secretaria da Fazenda tirar uma nota fiscal avulsa e está resolvido o problema legal daquele trabalho.

Claro que não dá para viver a vida inteira tirando Nota Fiscal avulsa. Inclusive porque é mais caro do que você ter uma organização

jurídica. Então, se você optar por uma organização jurídica sob a forma de cooperativa, se for por motivo de nota fiscal por exemplo, tudo bem. Mas se não for, tudo bem também. Não é aí que está uma linha divisória entre Economia Solidária e empresa capitalista.

Além disso, podemos ver casos de cooperativas que até podem ser muito bem socializadas para dentro delas, mas, frente à sociedade e às outras cooperativas e empresas são autenticamente capitalistas, disputando mercado e competindo com unhas e dentes contra as outras empresas ou cooperativas.

Autogestão e Empreendedorismo

Outra coisa que fica um pouco confusa é o termo de autogestão. Tem gente que não gosta de falar de autogestão. Como não gosta também de empreendedorismo; mesmo se em certos lugares você tenha que falar que é um empreendedor. Como no FBES, que só tem essas três categorias de participantes: gestor, assessor e empreendedor. O problema é que Empreendedor dá a idéia de alguém que só mexe com economia, ou só com a parte financeira. E autogestão também. Hoje em dia, pelo menos, autogestão tem muito esse conceito econômico. Parece que autogestão é fazer as contas do dinheiro junto com os outros.

Ora, Economia Solidária não é só isso. É muito mais **o exercício do poder coletivo**. Poder, no sentido de realizar a minha vontade. Eu tenho uma vontade, o outro tem outra, outro outra. Eu posso exercer minha vontade coletivamente. E isso aí dentro do grupo, dentro do trabalho: dar o preço da matéria prima, participar de tudo, inclusive da produção do conhecimento...

Pode até ser só uma birra pessoal, mas são palavras que parecem insuficientes. Não são erradas não. Tem autogestão? Claro que tem. Mas esse nome, autogestão, leva muito mais para o lado econômico. É o que estamos percebendo: que a Economia Solidária está sendo levada muito mais para uma questão puramente financeira, puramente produtiva. E produtiva de mercadoria...

Já, nós, estamos vendo a Economia Solidária como se fosse um grande laboratório; com muitas experiências que vão sendo feitas, em vários setores, campos e modalidades. Não existe um modelo único de organização. Mesmo porque os setores são muito diversos.

A importância de estar junto com outros movimentos

O movimento de Economia Solidária não pode se isolar dos outros movimentos sociais; tem que estar junto. Tem que participar junto com os outros movimentos das principais datas de luta: do 08 de março, do Primeiro de Maio, do 7 de setembro (o grito dos excluídos), do 20 de novembro...

E vice-versa: a Economia Solidária necessita dos outros movimentos sociais. Neste sentido é muito forte aquele exemplo do Sindicato dos Metalúrgicos de Porto Alegre, em que os operários da categoria decidiram separar uma parcela do seu aumento salarial e formaram um fundo solidário para fortalecer as experiências de Economia Solidária da região. Os trabalhadores dessas experiências sabem que estão recebendo apoio de operários das fábricas. E isso significa abrir caminhos novos para a unidade da classe de trabalhadores.

Na medida em que iniciativas desse tipo não são espontâneas, é importante que as pessoas comecem a fazer isso conscientemente.

Economia Solidária e o CET

Não será que as escolas participantes do CET também fazem parte do movimento de Economia Solidária? Muitos elementos que estão presentes na proposta de nossas escolas e na sua pedagogia – a gestão coletiva, a prática da democracia, o exercício da solidariedade em todas as relações, a criação conjunta de conhecimentos, a formação política, etc. – são fundamentais na construção da Economia Solidária.

Ao mesmo tempo, a Economia Solidária se apresenta, a cada dia mais, como alternativa de trabalho para muitos jovens trabalhadores

que passam pelo CET. Como fortalecer isso? Cada uma, da sua maneira, as nossas escolas são incentivadoras da Economia Solidária.

Muitas vezes nós mesmos embarcamos na idéia de que só o capital é que dá trabalho e permite renda. E aí, o que fazemos? Incentivamos que os alunos passem a sentir necessidade da carteira assinada, necessidade de ter um patrão...Temos que aprender a criticar sempre a nossa própria consciência

Na verdade, as pessoas, todos nós, temos que ter uma formação permanente. Temos que estar sempre pensando, sempre discutindo.

Elementos de Economia Solidária apontados pelos participantes

(ELEMENTOS EXPLICITADOS AO LONGO DOS DEBATES E DESTACADOS NO QUADRO / PAINEL)

REFAZENDO A ECONOMIA	REDE DE PARCEIROS
TRABALHO COMO REPOSIÇÃO DA VIDA	REDE SOLIDÁRIA
INTENCIONALIDADE	COMPARTILHAR
AUTOGESTÃO	PARTILHAR A VIDA
GESTÃO COLETIVA	COOPERAÇÃO
EXERCÍCIO COLETIVO DO PODER	IGUALDADE
NÃO À PRECARIZAÇÃO	TRABALHO SOLIDÁRIO
CRIATIVIDADE	UNIÃO
IGUALDADE SOCIAL	NÃO REPRODUÇÃO DE MAIS VALIA
ÉTICA	MERCADO JUSTO
ATIVIDADE HUMANA	RESISTÊNCIA
FORMA DE VIDA	SABER
VALORIZAÇÃO DE TODOS	SOCIALIZAÇÃO DO SABER
NOVAS EXPERIÊNCIAS	ATITUDE
PRODUZIR SOLIDARIAMENTE	NOVO PARADIGMA
PARTICIPAÇÃO	REPARTIR
FELICIDADE	SUSTENTABILIDADE
	MOVIMENTO POPULAR

FORMAÇÃO POLÍTICA NAS ESCOLAS DE TRABALHADORES

I. Concepção e prática

• No CTC

No CTC, a formação política está em tudo: é uma mistura. Achamos que fazemos formação política nas aulas técnicas, com o processo da *criação do saber*; no cotidiano, com a *gestão coletiva ou o exercício do poder compartilhado com os alunos*; e no programa de *formação política* propriamente dito. Os dois primeiros pontos já são bem conhecidos, já temos falado bastante a respeito. Agora, vamos falar sobre este programa de Formação Política.

Os cursos do CTC, em geral, duram um ano; são 5 dias de aula por semana, de 2ª a 6ª feira. Um ou outro curso tem aula também aos sábados. Uma vez por semana, o tempo inteiro da aula é para fazer um curso considerado de Formação Política.

O programa de Formação Política não tem um currículo rígido. O que temos é uma base que se mantém mais ou menos a mesma a cada ano e, sobre esta base é que, sempre que necessário, fazemos as devidas atualizações e adaptações. Os ex-alunos que solicitaram que o programa de formação política tivesse uma certa permanência e que não variasse muito de um ano para o outro. Muitos deles, participantes em movimentos sociais, reclamaram: “se, num ano, alguém perde um debate interessante e, no ano seguinte, volta na mesma época para tentar pegar a continuação daquilo, não consegue. Pega um assunto completamente diferente”.

Por isso decidimos montar um programa básico. Buscamos em vários locais do Brasil um bocado de material, discutimos o assunto em várias escolas de trabalhadores como o CTC e acabamos montando nosso programa de formação política. Isso foi ainda nos anos 80 e 90.

O programa tem basicamente 4 ou 5 partes.

A parte inicial é de informações sobre a Física: o Big Bang, como é que o universo surgiu. Passamos também o filme *A Guerra do Fogo*. O objetivo é mais de ajudar a colocar o pé no chão e mostrar que política não é só partido. O filme traz uma contribuição enorme para a educação política.

Nessa parte inicial, a primeira palestra é com um professor da universidade que vem falar sobre o Big Bang. É um anarquista ateu que gosta de provocar. É uma das aulas mais marcantes; traz informações que geralmente provocam um choque. Além dos alunos, vêm também ex-alunos e outras pessoas interessadas de fora da escola...

A segunda parte é um pouco a história do capitalismo. Começa pelo sistema feudal, entra pelo mercantilismo e as grandes navegações. Aí vem para o Brasil, enfocando a situação dos índios, dos negros. Depois volta para a Europa: a revolução industrial. E se retorna ao Brasil, com a história da classe operária, os imigrantes, os anarquistas. Essa segunda parte é um período mais longo.

A terceira parte é a das lutas dos trabalhadores que foram vitoriosas. Fala-se de alguns momentos da história dos trabalhadores que tiveram sucesso: a Comuna de Paris, a Revolução Russa, as revoluções chinesa e cubana, Canudos. São sucessos, que depois vem "porrada em cima"! Mas é um momento de luta. Os alunos vibram. É o terceiro momento.

Em seguida, vem a discussão do Socialismo hoje. Em geral, se chama alguém de fora para falar sobre esse assunto. Sempre é bom dizer que vem muita gente de fora para falar neste programa. Procuramos ser o mais plural possível: vem gente de tudo que é origem ou posição política. E é para ser assim mesmo.

E, na quinta parte, são as idéias. Antes vemos as idéias que lutam contra o capitalismo: os utópicos, o marxismo e os anarquistas. E os valores para uma outra sociedade.

No final, se dá palavra a alguns movimentos sociais, sempre abrindo para debate. E se discute um pouco de Economia Solidária. São

passados filmes sobre o que está acontecendo na América Latina, como *A Revolução que não foi filmada* (Venezuela), alguma coisa de Chiapas.

Enquanto isso, se participa de eventos em torno de certas datas, como o Dia das Mulheres, em março; o 1º de Maio (que às vezes coincide com o tema da Revolução Industrial) e às vezes também se faz teatro.

Esse é o programa para os adultos. Já para os adolescente, é diferente. Com eles, se fazem discussões sobre assuntos do seu interesse: a questão das drogas, da sexualidade e outros temas construídos com eles mesmos. Também se fazem passeios, festas, além de reuniões e conversas com os pais.

- Em Emaús

Nosso programa de Formação Política recebeu muita influência do CTC, mas existe também alguma diferença. E também dificuldades com relação a isso.

Todo ano a equipe senta e discute o programa que julga importante de ser realizado durante aquele ano. Mesmo entre os instrutores, alguns têm certa dificuldade em desenvolver todos esses assuntos. Por isso, às vezes, recorremos a um formador de fora, a uma pessoa que tenha um domínio maior sobre aquele assunto, para dar uma formação específica.

Outra dificuldade que a gente observa é que, embora muitos alunos desenvolvam uma visão bastante crítica, parece que a maioria deles é muito afetada pelo individualismo exacerbado que reina na sociedade hoje.

No planejamento que fizemos para este ano (2009), programamos discutir coisas que estejam voltadas para a construção de um projeto coletivo, de um projeto de sociedade. Porque percebemos que, hoje, não só os jovens, mas as pessoas de um modo geral, abandonaram a busca de um projeto coletivo. E isso é uma dificuldade muito grande, até para qualquer movimento, para qualquer organização. Quer dizer, há uma descrença quase que generalizada na sociedade com relação a projetos

coletivos. O que se deve a um conjunto de fatores, como se viu aqui nas discussões.

A primeira parte do programa de Formação Política é dedicada à história do bairro e à questão da cultura da região. Entramos depois na história da formação do capitalismo, assim como faz o CTC. E fazemos discussões sobre os direitos dos trabalhadores, para que eles tomem consciência.

Uma outra parte é voltada para a discussão sobre a origem do mundo segundo a ciência. Fala-se do Big Bang, da teoria da evolução... Isso é sempre o que mais gera polêmica. Sempre temos um grupinho que contesta e fica tentando combater. Aí se trava uma discussão. Mesmo quando convidamos uma pessoa de fora para falar sobre esse assunto, procuramos fazer com que não fique só ela falando, falando... Sempre se procura incitar a participação e a discussão.

E quando a reunião é com os instrutores, se usa o método interrogativo e de exposição dialogada: perguntando, perguntando, perguntando, para se tentar construir juntos.

- No CEEP

O CEEP tem um programa de formação dos educandos e outro de formação dos educadores.

No que se refere à **formação dos educandos**, temos vários programas, mas existe algo a que chamamos de núcleo comum: os direitos dos trabalhadores, a história das lutas, elementos de cultura, gênero e raça. São temas que vão se entrelaçando com o “currículo”, isto é, vamos buscando montar um currículo integrado.

Damos muita atenção à participação do pessoal em manifestações, atividades coletivas e movimentos. Sobretudo em quatro momentos, pela importância que têm para a luta dos trabalhadores e para o desenvolvimento da sua própria identidade de classe: 8 de Março (a luta das mulheres); 1º de Maio (a luta dos trabalhadores); 7 de setembro (o Grito dos Excluídos); e 20 de Novembro (Zumbi).

A participação nesses quatro movimentos é como uma referência de onde a gente tira elementos para trabalhar mais a fundo certos conhecimentos. Quais? A gente faz muita questão dos alunos se verem como trabalhador e se valorizarem como trabalhador; de reconhecerem os movimentos e o que está por trás das lutas; de conhecerem as lutas dos trabalhadores, o movimento das mulheres em ação; de discutirem a sua própria participação, porque é que estão participando dessas datas, etc.

Fora isso, temas do momento atual são também incluídos: trabalho, assuntos da conjuntura, juventude, etc.

Em relação aos **educadores**, isto é, os professores, coordenadores, assistentes pedagógicos e a direção, existem várias instâncias de formação. Temos uma formação geral, em que entram temas gerais que são para todo mundo: comunicação, economia solidária, América Latina, a experiência e os problemas com o MST, etc. E temos uma formação com temas específicos; quer dizer: cada programa tem suas necessidades e os temas são pautados em continuação.

Há uma preocupação grande com o papel forte que a formação tem na construção do coletivo. Entre nós, a equipe de educadores forma um coletivo na medida em que o nosso processo de formação se preocupa em discutir as nossas necessidades. Nesses últimos tempos, a questão da concepção e, principalmente, a questão da metodologia é que têm nos ocupado mais. Temos discutido bastante: como levar na prática toda a nossa concepção?

Temos discutido muito, também, a importância de se ter um pouco mais de clareza sobre o mundo do trabalho. Esse entendimento é fundamental para a formação de todos nós. Sem dúvida, temos um norte classista: todos nos damos conta do lado para o qual queremos andar. Agora... será que nos damos conta da realidade mais geral na qual está inserido esse novo rosto da classe trabalhadora? São enormes os desafios: como trazer esses desafios para a formação política?

O mais importante é a metodologia e a compreensão dessa nova realidade.

O CEEP trabalha também com **adolescentes e jovens**. Em algumas comunidades da periferia, trabalhamos com cursos de audiovisual que têm uma duração de três meses. Em geral, quando a molecada chega, fala assim: “Vamos fazer filme hollywoodiano!” Aí já começa uma discussão: “Espera aí! Não é assim que a gente vai trabalhar”. “Por que não é assim?” “Porque a gente tem que se apropriar desse equipamento, tem que saber manusear isso. Por que a gente tem que entender como se monta isso”. Essa é uma parte do que temos feito, como no ano passado.

A dificuldade porém é a seguinte: como é que se pode trabalhar Formação Política com esses jovens adolescentes em cursos com esse tema e com duração de 3 meses? Essa é a dificuldade. Esse ano a Prefeitura baixou a idade de entrada da garotada. Aí ficou mais difícil. E o problema se agrava ainda mais com a questão do individualismo, que é muito forte!

Em alguns lugares, até que se conta com um bom espaço. O problema é que os cursos não estão todos no mesmo espaço. Não é como numa escola. Nossos cursos estão espalhados pela comunidade. E em diferentes comunidades! Então, não é fácil fazer uma formação continuada. Não dá para avançar muito com a molecada. Muito menos numa formação política.

Enfim, essa é a situação que nós temos agora, e sobre ela podemos dizer apenas isso: é bom estar na comunidade e poder trabalhar com a faixa etária dos jovens.

- No CPA

Hoje, o CPA vive um momento bastante delicado e bastante difícil de manter sua metodologia. Posso dizer o que está acontecendo até dezembro deste ano (2008), porque no ano que vem não sei como vai ficar.

Trabalhamos com adolescentes e jovens que vivem os mais diversos problemas: uns de ordem financeira, outros oriundos de famílias desestruturadas, alguns não sabem escrever, ou não sabem

fazer cálculo... Então, primeiro, você tem que resgatar tudo isso. E resgatar ... valores.

O primeiro momento é resgatar valores: o que é família, o que é ser solidária, o que é respeito, democracia, preconceito, racismo, o que é protagonismo. Neste sentido, assim que eles chegam, a gente faz o que se chama de "formação do coletivo": procuramos colocar algumas bases com a intenção de que sejam trabalhadas no restante do ano.

Depois desse momento, começam os cursos. Metade da carga horária dos cursos é para formação técnica e metade para formação humana. Trabalhamos: comunicação, cidadania, informática, matemática, sociologia. E também mecanização dos escritórios, automatização dos escritórios, revolução industrial, etc.

Mas, por que a preocupação com o CPA? Porque, por conta dos convênios, está difícil manter a equipe de trabalho. Os mais antigos estão indo embora. E os que estão chegando para serem educadores, mal se tem tempo de fazer uma formação com eles. Eles vão tentando entrar na rotina de trabalho, mas não têm a formação que seria necessária.

Aí o que acontece? Nesta situação, o receio é de que a metodologia do CPA se perca. Com muita tristeza vemos que a nossa formação política está bastante prejudicada.

De todo modo, alguma coisa tem sido feita. Sobre as notícias do dia, temos a leitura do jornal antes de iniciar o expediente: de 10 minutos a meia hora de leitura e de conversa bastante boa.

Outra coisa é a questão do negro que no CPA é levada bastante a sério. O CPA é uma escola de negros. É quase um quilombo. Então temos dança afro, hip-hop, festa junina e outras festas. Tem-se conseguido manter, até agora, o envolvimento em alguns momentos de luta.

• No CADTS

Por motivos financeiros, o CADTS fechou suas portas no 31 de agosto de 2008. Até então, ele sempre teve uma programação de Formação Política.

Essa programação tinha uma matriz básica que se chamava História do Trabalho: começando desde o Big Bang, com o trabalho do Universo, o trabalho da vida e seguindo com o trabalho humano, com a história da humanidade, claro, do ponto de vista do trabalho. Esse programa vinha da Antiguidade até o presente, focalizando o exercício do trabalho e a construção das culturas em cada etapa dessa história.

Isso servia como matriz para tirar daí várias discussões pontuais dentro de cada matéria desenvolvida. A partir do estudo da mecânica, por exemplo, você aproveitava para fazer uma discussão, especialmente do ponto de vista de que a técnica não é neutra. Ou seja, essa técnica mecânica que está sendo estudada tem relação com a história do trabalho e ela significa isso, ou aquilo, a cada momento. De tal modo que a luta dos trabalhadores vai aparecendo não só na história do trabalho, mas também dentro da história da mecânica. Ou da Eletricidade. Por exemplo, nas aulas de Eletricidade também se discutiam as vantagens e os problemas que a eletricidade causa, desde o represamento das águas, expulsando tanta gente de suas terras, ao fornecimento de luz, preços de tarifas, etc. Enfim, toda a problemática que é a geração da energia elétrica e a possibilidade de alternativas que sejam sustentáveis.

Então, dentro de cada assunto técnico, iam se incluindo debates. Esse era um pedaço do trabalho de formação política.

O outro pedaço eram os debates mensais, chamados “debates abertos”, para os quais se convidava alguém “de fora” para expor algum assunto previamente combinado com todas as turmas. Normalmente eram assuntos ligados às datas do 8 de Março, do 1 de Maio, do 20 de Novembro... Ou outros assuntos do interesse do pessoal ou escolhidos por eles no correr de do ano. A construção de

formas associativas e solidárias de trabalho sempre foi um componente das discussões e da atuação do CADTS.

Além disso, alunos e monitores participavam das campanhas e movimentos da cidade, em geral. Sem excluir a questão da tomada das decisões referentes ao dia a dia do CADTS; debates nas salas, assembléias dos alunos para deliberar sobre as normas a serem seguidas, etc. Ou seja, a questão do exercício do poder coletivo dentro da escola.

- Na AST

A Ação Social Técnica, enquanto formação política, tem a matéria chamada Formação Humana, em que se trabalha regularmente a questão humana.

A gente se coloca muito o lado humano, mas perdemos um pouco a relação com o contexto que deu origem à escola, de lutas do bairro e dos trabalhadores. Para o ano que vem, se pretende retomar essa relação e dar uma reformulada no programa.

Na última reunião da equipe, chegamos a nos questionar: qual o papel da Formação Humana, uma vez que, nas últimas eleições, se elegeu no bairro alguém que não tem identificação nenhuma com a política no bairro. Alguém que não tem história política nem ligação com nenhum dos movimentos populares. E com isso: qual é o nosso papel em termos de formação?

Apesar disso, a prática das aulas não é isolada da realidade em volta. Trabalhamos muito essa questão do impacto do aço. Pegamos o aço desde a sua extração, na serra, no nosso entorno, e constatamos que as serras estão sumindo, estão desaparecendo. E quais são as mudanças que estão sendo provocadas por essa situação? E discutimos essas questões, na prática.

Mas essa formação acaba ficando muito isolada, restrita a algumas coisas: precisa ser feita de uma forma mais sistemática.

• Na Escola Mesquita

Na Escola Mesquita, hoje, temos nove projetos em andamento: *EJA-Fundamental*, *EJA-Médio*, *Curso de Gestão em Economia Solidária*, *Programa Jovem Aprendiz*, *Formação Política*, *CFES/Sul*, *Cursos Técnicos (mecânica, eletrônica, automação e informática)*, *Cursos de qualificação*, *Cadeia produtiva do skate*.

O projeto chamado *Formação Política* é um programa específico para dirigentes sindicais e para cipeiros. É um curso focado para esse público.

Nos *Cursos Técnicos*, não temos uma disciplina sobre a qual se diga: aqui se trata especificamente de formação política. Porque temos a compreensão de que, a cada passo do processo metodológico, cada profissional, inclusive da área técnica, deve de alguma maneira dar conta da formação política. Aí, na verdade, a formação do próprio profissional acaba sendo um desafio. Porque a maioria dos professores são engenheiros, são da área técnica. Então, como é que esse engenheiro, que trabalha as temáticas da tecnologia, pode incorporar a elas conteúdos da formação política? Esse acaba sendo um desafio novo para todos.

Com o projeto *Eja-Médio*, estamos atendendo à demanda de um pessoal que trabalha em hospitais públicos e deseja elevar a sua escolaridade. Organizamos então as disciplinas por áreas do conhecimento: Biologia, Química, Física, Matemática, Expressão, Literatura e Arte, Geografia, História e Sociologia. E inserimos um eixo sobre Saúde Pública, que é transversal a todas essas disciplinas. Procuramos colocar a saúde num contexto amplo: discutimos Saúde, Estado e Sociedade, procuramos fazer a relação entre Saúde e Cultura Popular, discutimos saúde e gênero, saúde e medicina alternativa, medicina oriental, as ervas medicinais.

Procuramos olhar a realidade de forma não fragmentária, ou então, entender essa fragmentação dentro da realidade.

A Avaliação anual é um processo em que a gente consegue efetivamente ver a relação entre teoria e prática. A Avaliação passa pela discussão da colaboração em grupo, pela participação em grupo, pela colaboração com os colegas, ... Esse processo de Avaliação, por vezes, desfaz uma auto-avaliação deles; e aí se discute, alguns concordam, outros não...

Avalia-se o programa do curso: em que contribuiu para o conhecimento próprio de cada um? Em que contribuiu para se amadurecer na prática de divergir e de criar consensos provisórios?

II. Reflexões e Discussões

Concepções de Formação Política

Nossa concepção de formação política tem como ponto de partida a educação de trabalhadores para trabalhadores. Por isso um dos seus eixos principais tem que ser a discussão do trabalho: o que é trabalho, como se dá a produção, o que é trabalho solidário, etc.

É também uma concepção de educação e de política que visa o coletivo. Hoje o mais comum é você encontrar uma formação que trabalha muito mais o indivíduo, sem se preocupar muito em trabalhar o coletivo. Daí a importância de fazermos uma articulação com os movimentos sociais, incentivando a participação do pessoal nos diversos movimentos.

Trabalhando no coletivo, podemos perceber com mais facilidade que, muitas vezes, os valores capitalistas estão entranhados na gente mesmo. Temos que aprender a observar quantos de nossos valores também estão distorcidos... e nos rever o tempo todo.

Antes de estudar no CPA, eu trabalhava, ganhava meu dinheirinho e gostava mesmo era de sair, dar uma volta. Eu sou uma pessoa assim que gosto da brincadeira. Porque, para mim, se é o jeito que todo mundo vive, é o jeito que eu vou viver também. Mas, dentro do CPA, eu aprendi a discutir política, eu aprendi a ter autocrítica, a não ir atrás do que as outras pessoas falavam. A questionar o porquê

daquilo. Isso me trouxe uma opção melhor. Agora, sou uma pessoa que aprendeu a discutir, aprendeu a querer mudar, a mudar as coisas que estão ao meu redor. A fazer diferença.

Pedagogias na Formação Política

Temos que partir do princípio que todo educando tem um saber. Mas não para levantar esse saber e, depois, deixar para lá. Não, temos que partir desse saber acumulado valorizá-lo de alguma forma, provocando a partir dele novos aprendizados e conectando esses novos aprendizados com o saber que cada um já tem acumulado.

Trabalhar muito a questão da provocação: provocar situações que desencadeiem a reflexão, o diálogo e o aprendizado.

A questão principal é a desmistificação do conhecimento que é tido como acadêmico e do poder que está associado a ele. Partir da idéia de que o conhecimento é uma construção histórica e coletiva feita pelos trabalhadores.

A Formação Política passa pela grande questão didática do ensinar e do aprender. Lembrando o pensamento de Paulo Freire, que disse que "o aprender é concreto e o ensinar é meio vago". Muitas vezes, quando alguém de nós pensa estar ensinando, na verdade, a preparação daquele ensinar foi um longo aprendizado e o produto daquele ensinar traz ainda mais novos aprendizados, a partir daqueles que estão aprendendo! É uma acumulação; é a vida.

Paulo Freire fala também da poesia do nosso trabalho. É consenso entre muitos educadores que a palavra saber tem um fundo de sabor, de gosto. O saber é o conhecimento aplicado, o conhecimento posto em prática! É esse sabor de fazer as coisas, ou esse saber fazer com tanto prazer a nossa ação educativa, e, em muitos momentos, também a nossa ação profissional no mundo do trabalho, as nossas tarefas domésticas. O trabalho de casa é trabalho. É o saber fazer que não dispensa ninguém. Nem a criança, nem o adolescente, nem o adulto nem a mãe, nem a avó, ninguém está dispensado desse fazer.

Uma das formas que pode contribuir para enriquecer nossos respectivos programas de Formação Política é a gente promover um maior intercâmbio de nossas metodologias, seja via e-mail, sedex, mapa, etc.

Conteúdos

Trabalhar a experiência interdisciplinar que temos em nossas escolas, trabalhar o conhecimento comum junto com os conhecimentos específicos, integrando todos os conhecimentos.

Trabalhar a questão da formação socioeconômica do Brasil, a história social e política do país, o contexto atual no Brasil, na Europa, no mundo. A interferência da cultura na formação das identidades, etc.

Insistir muito que a história não é a realização da vontade divina, mas sim uma construção da humanidade. E que a sociedade se transforma; está se transformando o tempo todo. Na verdade, ela está sempre mudando.

A educação política é o grande desafio. É aquela ação provocativa de questionamentos: questionamento do Jornal Nacional, questionamento das notícias da imprensa, da visão fantasiosa com que alguns episódios são colocados pela mídia quando se quer esconder alguma coisa da sociedade.

Em algumas escolas, a Economia Solidária é uma proposta e uma discussão que nasce da Formação Política. Muitas vezes, a partir daí, ela passa a integrar o próprio currículo do curso.

Dificuldades e desafios

Em algumas escolas que trabalham em convênio com a Prefeitura, os projetos de curso duram de seis meses a um ano. E o que acontece? O educador que trabalhou durante esse ano, de repente, não volta no próximo ano. Ora, esse rodízio de educadores complica muito as coisas.

Além do rodízio de educadores, há também uma troca de cursos. Em geral, a cada ano a Prefeitura pede um projeto diferente, isto é, pede que se mudem os cursos técnicos.

O problema é que tanto o rodízio de educadores como esta troca de cursos dificultam muito a Formação Política. A cada mudança, nem sempre você encontra educadores que conjugam os conhecimentos técnicos com a questão política. E aí, muitas vezes, há cursos em que a formação política fica uma coisa no ar, capenga.

Outra questão é sobre a consciência de classe dos próprios educadores: será que todos têm essa consciência de classe que tanto se busca ter? Claro, os que têm uma caminhada mais longa na militância conseguem trabalhar melhor essa questão; para eles é mais fácil criticar o seu meio e transmitir isso aos mais novos, nas relações do dia a dia.

Mas será que todos os educadores têm essa consciência? Será que, por exemplo, eles conseguem entender o hip hop? Porque o hip hop está muito presente nas ruas de São Paulo. Então, será que o educador consegue entender aquilo como uma forma de manifestação da garotada? E mais importante: será que na hora da educação política, a garotada consegue dizer como e por que chegou àquilo? conseguem mostrar que isso tem a ver com a forma deles viverem?

Há escolas em que a Formação Política é feita a partir dos cursos técnicos: eletricidade, construção civil, etc. Os temas da Formação Política vão saindo dos temas técnicos e, daí, você termina discutindo de uma maneira crítica o que rodeia o assunto daquele curso.

Mas não será que tem outros temas que acabam ficando fora da Formação Política? Por exemplo, no curso de elétrica, você discute barragens, discute a questão energética, discute... Mas a questão da democracia, está contemplada?

Fala-se muito em identidade de classe. Identidade de classe é só saber que o outro é companheiro e que existem duas classes sociais? É suficiente? Não falta partir disso para uma ação concreta?